

INVISIBILIDADE E PRECARIZAÇÃO DE NEGROS NO MERCADO DE TRABALHO: UMA ANÁLISE DO FILME *QUASE DEUSES* À LUZ DO RACISMO ESTRUTURAL.

Manuela de Jesus Ferreira¹

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho traz uma discussão acerca da discriminação racial, especialmente no Brasil, a partir da análise do filme *Quase Deuses*, buscou-se discutir a invisibilidade e falta de oportunidades vivenciada pela população negra ao longo dos anos.

Pesquisa recente realizada pelo IBGE revela os negros em condições díspares em relação aos brancos², tal situação está diretamente ligada com a forma como a abolição da escravidão foi promovida no Brasil, pois mesmo após 132 anos ainda são reproduzidas as mazelas iniciadas no período escravagista, sendo o racismo um processo histórico que gera desigualdades. O professor Silvio de Almeida em seu livro *O que é racismo estrutural?* faz um estudo sobre as estruturas que perpetuam o racismo:

[...] o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural³.

Partindo desta premissa, é possível perceber o racismo como algo constituído na sociedade, ou seja, nas relações sociais, assim, as instituições que são formadas por pessoas tendem a reproduzir o racismo em sua atuação, legitimando práticas que contribuem para a desigualdade racial. Logo, é possível perceber também ações racistas advindas do Estado, inclusive a partir do plano de governo e da escolha das políticas que decide implementar. Nesse sentido, a falta de representatividade da população negra nos espaços de poder está diretamente ligada às desigualdades por elas sofridas⁴.

Para compreender o racismo estrutural é necessário o estudo de diversos aspectos da sociedade, todavia, devido à amplitude e complexidade do tema frente à proposta de escrita, será abordado o racismo estrutural apenas pelo prisma econômico, contudo a emersão de

¹ Graduada em Secretariado Executivo – UFBA (2014). Graduanda em Direito pela Universidade do Estado da Bahia, 9º semestre. E-mail: fmanueladef2019@gmail.com

² **Desigualdades Sociais por cor ou raça no Brasil.** Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf. Acesso em 01. mai. 2020

³ DE ALMEIDA, Silvio Luiz. **O que é racismo estrutural?**. Belo Horizonte: Letramento, 2018. P. 38

⁴

aspectos educacionais e trabalhistas são inerentes, devido à interligação. O objetivo principal é tecer discussões acerca da discriminação que é geradora e ao mesmo tempo fruto de um racismo estrutural que dita privilégios e acentua desigualdades pelo critério da cor da pele. O texto é apresentado da seguinte forma, primeiro um breve relato do filme, contemplando os principais aspectos relativos à temática racial, o que não exime o leitor de assisti-lo na íntegra, tendo em vista a ampla pauta de discussão que fomenta, abrangendo gênero, classe, questões éticas com experimentos em animais, etc. Depois são discorridos breves conceitos acerca do racismo estrutural na economia, no mercado de trabalho e na educação. Através de um levantamento de dados realizados pelo IBGE são avaliados os níveis de desigualdades no Brasil, pautado pela raça, e, por fim, nas considerações finais são analisados os aspectos mais relevantes a partir da discussão levantada neste trabalho e sua contribuição para novos horizontes.

2 QUASE DEUSES

Quase Deuses é um filme baseado em fatos reais que conta a trajetória de Vivien Thomas, um jovem negro, carpinteiro, de instrução primária. A história se passa nos anos 30, na cidade de Nashville, capital do Tennessee, localizada no Norte dos Estados Unidos. Após perder o emprego Vivien Thomas é admitido como zelador no laboratório do Dr. Blalock, inicialmente sua tarefa era limpar e cuidar dos cães que são usados para experimentos científicos. Contudo, após o médico perceber o interesse de Vivien pela medicina e a facilidade com que manuseava os instrumentos, permitiu que ele lhe auxiliasse nos experimentos e estudos, e apesar da aparente promoção, Vivien continuou percebendo o mesmo salário.

Vivien desejava ser médico, noivo de Clara, ele tem seus planos destruídos quando o banco em que depositou suas economias por sete anos, para custear seus estudos, entra em falência em virtude da crise de 1929. Em 1943, Dr. Alfred Blalock assume o cargo de cirurgião chefe da escola de medicina da Universidade Johns Hopkins, em Baltimore, levando consigo Vivien. Contudo, a realidade se apresenta de maneira diferente para ambos, Vivien trabalha como assistente de Dr. Blalock no hospital, porém foi admitido como faxineiro, recebendo o correspondente à função. Nessas circunstâncias, o filme retrata as dificuldades financeiras vivenciadas por Vivien, junto a sua família, tendo que fazer jornada dupla de trabalho, uma vez que passava horas pesquisando no laboratório e ao retornar para casa fazia reparos domésticos a fim de ter desconto no aluguel.

A segregação racial é retratada em todo o filme, inclusive o irmão de Vivien é professor e luta pela equiparação salarial dos professores negros aos dos professores brancos. Por outro lado, é necessário compreender como o ambiente segregacionista é cômodo para Dr. Blalock, pois ele pode explorar seu assistente negando-lhe condições dignas de trabalho, salário e visibilidade, com a justificativa de que são condições legitimadas pela lei e que ele não pode mudá-las.

A afirmação supramencionada pode ser compreendida nas cenas em que Vivien reclama do salário e do cargo que está registrado no hospital; e também na cena da primeira cirurgia cardíaca, quando sua presença no centro cirúrgico é exigida pelo médico, a fim de receber suas orientações. As duas situações descritas são permeadas por segregação, uma vez que necessita de nível escolar para alcançar o cargo técnico requerido por Vivien e também pelo fato de negros não ocuparem essa posição. Da mesma forma, a presença de negros era terminantemente proibida no centro cirúrgico, no entanto o Dr. Blalock conseguiu romper essas barreiras quando lhe foi conveniente.

Com o sucesso da cirurgia cardíaca, Dr. Blalock ficou mundialmente reconhecido, enquanto Vivien continuou invisibilizado. Inclusive, o jantar em homenagem à equipe cirúrgica fora realizado em um hotel segregacionista, permitida a entrada de negros apenas como serviçais. Vivien decide deixar o trabalho no laboratório, tenta cursar medicina numa faculdade para negros, no entanto devido à sua idade e a impossibilidade de aproveitamento de estudo, acredita não ter mais tempo. Assim, depois de desempenhar outras atividades, inclusive como vendedor de material hospitalar, Vivien é incentivado por sua esposa a retomar o trabalho com Dr. Blalock, porque ela entende ser esta a atividade que o realizava.

Em 1964, Vivien consegue ocupar a posição de diretor de laboratório, inclusive leciona aulas como instrutor de cirurgia. E, em 1976, é merecidamente reconhecido pelo trabalho desenvolvido, recebendo o título de Doutor Honorário e o seu retrato é exposto ao lado do Dr. Alfred Blalock, no corredor de homenageados da Universidade Johns Hopkins.

3 A ESTRUTURAÇÃO DO RACISMO E ECONOMIA

Conforme já mencionado na introdução, o racismo estrutural pode ser compreendido como uma estrutura criada pelo próprio Estado e legitimada pela sociedade que privilegia uma raça em detrimento de outra, segundo Achille Mbembe:

[...] a expressão máxima da soberania reside, em grande medida, no poder e na capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer. Por isso, matar ou deixar viver constituem os limites da soberania, seus atributos

fundamentais. Exercitar a soberania é exercer controle sobre a mortalidade e definir a vida como a implantação e manifestação de poder.⁵

Consoante à colocação de Mbembe e a partir da ideia de biopoder desenvolvida por Foucault, podemos entender que ao Estado, por meio de suas políticas, cabe a decisão (poder) de morte e de vida dos seus cidadãos, pois são através delas que se perpetuam as bases da sociedade racista em que vivemos. Interessante notar que, quando se fala em racismo estrutural, reconhecendo-o como estruturante do sistema, nada mais é do que dizer que as coisas funcionam exatamente como elas foram criadas para funcionar, pois a falta de pessoas negras nos espaços de poder e em cargos de decisões faz com que as suas causas não sejam colocadas em pautas.

A partir dessa perspectiva pergunta-se: como são divididas as funções na sociedade? Esta provocação pode ser respondida ao compreender a sociedade e sua formação e perceber que exploração e desigualdades sedimentam esse processo. Nesse sentido Almeida (2018) pontua: “a desigualdade pode ser expressa em dados estatísticos e quantificada matematicamente, mas sua explicação está na compreensão da sociedade e de seus inúmeros conflitos⁶”.

Muitas teorias buscam explicar a relação entre economia e desigualdades entre os sujeitos, inclusive as salariais, todavia qualquer teoria econômica que não faça a interseccionalidade com raça e gênero é incompleta e dissociada da realidade. A escravidão criou um abismo nas relações sociais e mesmo com o fim “simbólico” desse fatídico período, a ausência de políticas e em muitos casos a criação delas foram para manter as desigualdades, preponderando como fator de exclusão a cor da pele. A segregação racial vivenciada nos Estados Unidos é um exemplo de política de marginalização social, negando aos negros direitos fundamentais básicos como acesso à educação, à saúde, à profissionalização, e à Justiça. Cria-se uma espécie de círculo vicioso e previsível onde a falta de educação formal leva a precarização do trabalho, baixa remuneração, o que repercute no acesso à saúde e na estruturação familiar⁷.

⁵ ACHILLE Mbembe. **Necropolítica: biopoder soberania estado de exceção política da morte**. Arte & Ensaíos. revista do PPGAV/EBA/UFRJ. n. 32. dez 2016. P.

⁶ DE ALMEIDA, Silvio Luiz. **Racismo e economia**. In: O que é racismo estrutural?. Belo Horizonte: Letramento, 2018. P. 121

⁷GUNNAR MYRDAL apud DE ALMEIDA, Silvio Luiz. **Racismo e economia**. In: O que é racismo estrutural?. Belo Horizonte: Letramento, 2018.

Segundo Almeida⁸, os primeiros estudos relacionando raça e economia nos EUA foram desenvolvidos nas obras de Myrdal e Cox. Em 1944, Gunnar Myrdal escrevia uma crítica ao liberalismo e a democracia estadunidense frente à política de discriminação racial aplicada aos negros, pensamento que possivelmente influenciou a guerra civil, uma vez que o fim da escravidão sempre esteve relacionado a questões econômicas e mercadológicas. Outro estudo que relaciona raça e economia foi desenvolvido pelo sociólogo negro Oliver Cox, em 1948. Contrário às ideias de Myrdal, para ele o racismo nasce a partir do capitalismo e do nacionalismo, e ao mesmo tempo é o racismo que lhes dá sustentação, pois estão baseados na luta de classe e no poder.

Estudos da teoria econômica do racismo apontam que a discriminação racial no mercado de trabalho se baseia em fatores como:

[...] a divisão racial do trabalho; no desemprego desigual entre os grupos raciais, na diferença salarial entre trabalhadores negros e brancos, e na reprodução – física e intelectual – precária da força de trabalho negra⁹.

Todos esses fatores podem ser observados no filme e na realidade brasileira. O sonho de Vivien era ser médico, mas o simples fato de ele usar jaleco já causava estranheza em seu ambiente de trabalho, pois no imaginário social não é a profissão reservada aos negros. Nesse diapasão, a falta de formação advinda de uma educação formal o impediu de alcançar a profissão desejada, ficando sujeito ao trabalho precário e má remuneração.

Estudos apontam que no Brasil os negros estudam, ganham e vivem menos que os brancos, sendo a questão racial fator determinante da desigualdade no País. Segundo dados do estudo Desigualdades Sociais por cor ou raça no Brasil do IBGE¹⁰ no ano de 2018 apenas 29,9% dos cargos gerenciais eram ocupados por pretos ou pardos, enquanto 68,6% são ocupados por brancos, e em contrapartida, na força de trabalho desocupada ou subutilizada, os negros são maioria, chegando a 54,9% em detrimento de 43,9% dos brancos.

Quando considerado o gênero, os dados ficam ainda mais alarmantes. O estudo sobre a ocupação informal mostrou que as mulheres negras ocupam o topo da pirâmide com 47,8%, seguida dos homens negros com 46,9%, mulheres brancas são 34,7% e, na base, os homens

⁸ DE ALMEIDA, Silvio Luiz. O que é racismo estrutural?. Belo Horizonte: Letramento, 2018.

⁹ DE ALMEIDA, Silvio Luiz. **Racismo e economia**. In: O que é racismo estrutural? Belo Horizonte: Letramento, 2018. P. 133

¹⁰ Desigualdades Sociais por cor ou raça no Brasil disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf. Acesso em 01.05.2020.

brancos com 34,4%. Outro aspecto relevante desses números é que, quando negros e brancos ocupam a mesma posição, não significa que recebem os mesmos salários¹¹.

4 EDUCAÇÃO E DIREITOS TRABALHISTAS

Obviamente que altos cargos e renda estão, via de regra, ligadas ao nível de instrução formal. Ao analisarmos os dados de ensino superior no Brasil, verificamos que no ano de 2018 50,3% dos alunos de universidades públicas eram negros e na rede privada o número era de 46,6%, os brancos na pública são 49,7% e nas privadas 53,4%. Embora os números de estudantes negros em universidades públicas sejam positivos tendo em vista a distribuição racial da população brasileira, é importante tecer algumas considerações importantes; as mudanças nos números se devem às ações afirmativas implantadas nas Universidades Públicas (cotas, auxílio permanência) e privadas (PROUNI, ¹²FIES); outra questão a ser levantada é que o fato de ter 50% de alunos negros nas Universidades não significa que estão distribuídos igualmente em todos os cursos¹³.

Inclusive, quanto à política de inclusão em cursos universitários, deve-se questionar se está sendo igualitária a ocupação de vaga em cursos com alto custo de manutenção e prestígio, tais como odontologia e medicina, que necessitam de parâmetros específicos. Para estes cursos se faz necessária uma política de inclusão mais incisiva, pois, alinhada à criação de vagas, é preciso haver políticas de permanência. Estes são aspectos que não podem ser negligenciados.

Em relação aos direitos trabalhistas negados a Vivien, há de se observar que esta é uma característica intrínseca ao liberalismo, tanto à época quanto na atualidade na figura do neoliberalismo, sendo comum a austeridade fiscal e conseqüentemente a supressão de direitos, frente a uma retórica de liberdade econômica e desenvolvimento da economia. O que não é claramente demonstrado é que o crescimento da economia não significa condições melhores de vida para a sociedade como um todo, ao contrário, observa-se que os Estados Unidos cresceram e se industrializaram, mas o progresso não atingiu a maioria dos negros e imigrantes residentes daquele país. A desigualdade é a força propulsora do capitalismo, observa-se que a precariedade da mão de obra negra atinge também os brancos assalariados, pois estes quando reivindicam melhores condições de trabalhos e salários, vêem-se

¹¹ Desigualdades Sociais por cor ou raça no Brasil. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf. Acesso em 1º maio de 2020

¹² *Ibidem*

¹³ *Ibidem*

ameaçados de ser substituídos pelo excedente, qual seja? A mão de obra negra, preterida, que muitas vezes se submete a condições de trabalho análogo à escravidão.¹⁴

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que na sociedade contemporânea a raça ainda é um fator preponderante para a desigualdade econômica, social e educacional. Isso significa que a ausência de políticas efetivas de reparação ao longo dos anos serviu para criar um abismo na sociedade. Contudo, através de ações afirmativas é possível ver algumas mudanças neste cenário, a começar pelo crescente número de negros nas universidades que sempre foram espaços privilegiados e de poder. Porém, quando se trata de visibilidade, a ausência de negros no judiciário, na política, nas reitorias das universidades e nas bancadas de jornais e programas de entretenimento é gritante e grave. Não esquecendo as raras exceções, que são usadas de forma distorcida por muitos para fortalecer o discurso da meritocracia e enfraquecer a luta por igualdade de oportunidades. Essa tímida parcela ainda deve estar preparada para os ataques racistas, muitas vezes disfarçados de críticas construtivas ou simplesmente justificando como uma questão de opinião.

Assim, para as muitas facetas do racismo, é necessário criar formas mais assertivas e eficientes de controle e combate, lembrando que nessa luta, os que se dizem não racistas tem papel ativo fundamental, pois como diz a célebre frase atribuída à Angela Davis: “*numa sociedade racista, não basta não ser racista é necessário ser antirracista*”¹⁵.

¹⁴ DE ALMEIDA, Silvio Luiz. **Racismo e economia**. In: O que é racismo estrutural?. Belo Horizonte: Letramento, 2018.

¹⁵Em políticas públicas “**não basta não ser racista, é necessário ser antirracista**”. Disponível em <https://www.justificando.com/2019/05/24/em-politicas-publicas-nao-basta-nao-ser-racista-e-necessario-ser-antirracista/>. Acesso em 02 jun. de 2020

REFERÊNCIAS

ACHILLE Mbembe. **Necropolítica: biopoder soberania estado de exceção política da morte**. Arte & Ensaios. revista do PPGAV/EBA/UFRJ. n. 32. dez 2016.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?**. Belo Horizonte: Letramento, 2018.

Desigualdades Sociais por cor ou raça no Brasil. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf. Acesso em 01. mai. 2020

Em políticas públicas “não basta não ser racista, é necessário ser antirracista”. Disponível em <https://www.justificando.com/2019/05/24/em-politicas-publicas-nao-basta-nao-ser-racista-e-necessario-ser-antirracista/>. Acesso em 02 jun. de 2020

GUNNAR MYRDAL apud DE ALMEIDA, Silvio Luiz. **Racismo e economia**. In: O que é racismo estrutural?. Belo Horizonte: Letramento, 2018.

QUASE DEUSES. Direção: Joseph Sargent. Produção: Mike Drake e Julian Krainin, Produtora: HBO Films, EUA, 2004. 1 DVD.